

## O ESTRANHO PÓS-MODERNO E A LUTA DE CLASSES NO FILME “QUE HORAS ELA VOLTA?”

**Helena Castello Romero\***

### **Resumo:**

Sigmund Freud tratou do ideal de pureza na modernidade que, segundo Zygmunt Bauman, continua a ser perseguido na pós-modernidade, dessa vez às custas da segurança individual. O “estranho” é o resto dessa busca e destoa da ordem desejada pela classe dominante, insistindo em se escrever nas formações discursivas, mesmo que seja em um lugar marginal; ele é sempre convidado a dar mais de si em troca daquilo que está à disposição da elite. Freud dizia que há sempre um preço a ser pago na busca pelos ideais de bem-estar, mas o poder de barganha de alguns é maior que o de outros. Esse artigo propõe uma articulação da teoria de Bauman sobre a pós-modernidade, principalmente o conceito de “estranho”, com os referenciais da Análise do Discurso Pêcheutiana. Essa articulação serviu de base para uma análise discursiva de alguns trechos do filme “Que horas ela volta” (2015), da diretora Anna Muylaert, escolhido por evidenciar o lugar do estranho na sociedade capitalista.

**Palavras-chave:** estranho; luta de classes; Que horas ela volta; Análise do Discurso.

### **Abstract:**

Sigmund Freud dealt with the ideal of purity in modernity which, according to Zygmunt Bauman, continues to be pursued in postmodernity, this time at the expense of individual security. The "stranger" is the rest of this search and dissociates of the order desired by the ruling class, insisting on writing in discursive formations, even if it is in a marginal place; He is always invited to give more of himself in exchange for what is available to the elite. Freud said that there is always a price to be paid in pursuit of the ideals of well-being, but the bargaining power of some is greater than that of others. This article proposes an articulation of Bauman's theory on postmodernity, especially the concept of "strange", with the referents of the Analysis of the Pêcheutian Discourse. This articulation served as the basis for a discursive analysis of some passages from

---

\* Mestranda em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), membro do grupo de pesquisa, cadastrado no diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, AD-Interfaces, coordenado pela Prof. Dra. Leda Verdiani Tfouni. Contato: [helecastel@hotmail.com](mailto:helecastel@hotmail.com).

the film "Que horas ela volta" (2015) by director Anna Muylaert, chosen to highlight the place of the stranger in capitalist society.

**Keywords:** stranger; class struggle; Que horas ela volta; Discourse Analysis.

## Introdução

Em “O mal-estar na civilização”, de 1930, Freud afirmou que na modernidade, a sociedade passou a se guiar em função de três grandes objetivos: beleza, pureza e ordem. Para atingir tais ideais, homens e mulheres passaram por diversos processos de coerção, sendo alguns deles mais evidentes enquanto outros se camuflaram no bojo de um período de grandes avanços científicos, guerras globais e mudanças sensíveis no modo de pensar a vida humana.

Tal coerção pode ser pensada como um sacrifício, uma vez que, para Freud (1980 [1930]), deve-se abrir mão de algo para atingir um objetivo. Na tentativa de eliminar alguns incômodos, a civilização moderna optou por novos sofrimentos: seu escopo foi a renúncia aos instintos. A civilização moderna “recolheu as garras” e limitou a liberdade de seus membros, suprimindo o prazer individual em virtude da ordem e da coletividade e, conseqüentemente, de uma concepção rígida de bem-estar (BAUMAN, 1998).

Para Bauman (1998), longe de compartilhar tal rigidez, a pós-modernidade tem como característica uma extrema desregulamentação, dando lugar para a liberdade individual. Os mesmos ideais do período anterior são agora “perseguidos – e realizados – através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais” (BAUMAN, 1998, p. 9). Antes sinônimo de ameaça à conjuntura social, o prazer agora ocupa seu lugar como pilar da organização humana, o qual, para continuar sólido, depende da liberdade com que os homens recriam o mundo ao seu redor. Com isso, a estrutura do sofrimento humano apenas teve seus fatores invertidos.

Os mal-estares na modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (BAUMAN, 1998, p.10).

A pós-modernidade denuncia uma contradição, uma vez que expressões tão facilmente interpretadas como algo positivo, como “liberdade individual”, “espontaneidade”, “prazer” e “busca da felicidade” podem dar origem a bons *slogans*,

mas não garantem bem-estar. Bauman (1998) deixou claro que não existe nada de absurdo em constatar que a liberdade, Santo Graal da pós-modernidade, não faz nenhum milagre, sendo certo que Pêcheux (2009 [1975]) vai além, ao colocar em xeque essa mesma liberdade.

Pêcheux (2009 [1975]), define a *forma-sujeito do discurso* como o produto da identificação do sujeito com a formação social na qual está inserido, sendo que, nesse processo, ele é interpelado pelo interdiscurso que dá contorno a uma identidade; essa identidade, apesar de imaginária, opera priorizando sentidos dominantes e negligenciando sentidos subjacentes.

O modo de produção capitalista é uma formação social cujas formações discursivas interpelam os sujeitos a partir do ideal de liberdade. O sujeito é levado a pensar que é livre para construir um percurso em direção a qualquer objetivo de vida, e que o sucesso desse percurso depende apenas de sua força de vontade. Assim, as diferenças sociais e a luta de classes são apagadas; a classe dominante julga a classe dominada por sua inércia, sua inabilidade para galgar degraus em busca de uma vida melhor; já a classe dominada, deixa de reconhecer a peculiaridade do lugar social que é ofertado a ela e a desigualdade que interdita o acesso a certas oportunidades.

O mendigo, o miserável e o marginalizado se tornam estranhos quando se colocam no caminho daqueles que combinam com a ordem vigente. Enquanto não têm voz, expressão ou não cruzam o caminho do “bom consumidor”, gerando náusea e pensamentos indesejáveis, o pobre não é estranho, porque nem existe ou porque está isolado em seu devido lugar. Para Pêcheux (2009 [1975]), a relação de classes se camufla no funcionamento dos aparelhos do Estado. Um exemplo disso é a reação que a Lei das Cotas para o Ensino Superior causa no Brasil.

A imagem acima é um recorte de uma foto tirada na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em agosto de 2012, durante uma marcha intitulada “Exército Anti-cotas” (BEIER, 2016). Trata-se de um cartaz que estava sendo levado por uma manifestante em meio a gritos que clamavam por igualdade. A frase no cartaz advém de uma premissa abundante no senso comum: querer é poder! Eis um sentido extremamente naturalizado pela ideologia individualista burguesa, pilar do modo de produção capitalista. Mas quais os sentidos eclipsados por esse discurso?

A partir da *forma-sujeito do discurso*, o jovem de classe média considera preguiçoso e oportunista o estudante de escola pública que aproveita o sistema de cotas para garantir uma vaga na universidade pública. Para ele, ambos já possuíam chances iguais e basta o estudante de escola pública ter força de vontade para conseguir o que quer.

O conceito de estranho de Bauman (1998) é uma das maneiras pela qual o autor denuncia as falhas da organização da sociedade ocidental atual, pois tal conceito faz furo no ideal pós-moderno de liberdade ao evidenciar a desigualdade. A partir da Análise de Discurso Francesa (AD) representada por Pêcheux (2009 [1975]) é possível se aproximar das causas dessas falhas, ou seja, do funcionamento ideológico por trás de discursos que montam, aos poucos, a figura do estranho.

O estranho é o resto, aquilo que sobra da busca pelo ideal de pureza, empreendida pela classe dominante. Aqueles que têm o poder de dominar perseguem tal ideal, interessados em eliminar, do cenário total, todas as partes que poderiam causar algum incômodo; “será preciso livrar-se delas uma vez por todas – queimá-las, envenená-las, despedaçá-las, passá-las a fio de espada” (BAUMAN, 1998, p.14). Desse modo é possível perceber que a liberdade dada pela pós-modernidade para o indivíduo não garante que a busca pelo prazer ocorre de forma igualitária. A partir da AD, vê-se que a desigualdade entre as classes sociais faz o dominado pagar um preço muito mais alto do que aquele que domina, para garantir o mesmo quinhão de prazer e felicidade, ou, na maior parte das vezes, muito menos que isso.

Pêcheux (2009 [1975]) baseou-se na obra do filósofo Althusser para falar dos processos de imposição/dissimulação a partir dos quais as formações ideológicas dadas, em operação indissociável, constituem e situam o sujeito, ao mesmo tempo em que apagam esse funcionamento. Trata-se aqui das condições ideológicas de reprodução e também de possível transformação das relações de produção. É através do que Bauman (1998) chamou de “estratégias de assimilação” que a ideologia abafa as diferenças e exclui aqueles que não se encaixam nas regras da classe dominante.

Essas estratégias são absorvidas pelas mídias como um todo e mais recentemente pelas novas mídias, como as redes sociais. Na pós-modernidade o sujeito é levado a crer que nada mais o prende à sua “identidade herdada”, sendo então obrigado a se lançar como projeto, rumo a qualquer ideal, a uma felicidade “possível” e alcançável via esforço individual.

É a partir da interpelação ideológica que um estudante branco de classe média, que sempre teve acesso a ensino de qualidade em escolas particulares, conhece apenas uma narrativa sobre si mesmo. Nela, as facilidades advindas de uma posição social privilegiada são naturalizadas e apagadas por agentes sociais que não reconhecem tal privilégio, e o estudante acaba se vendo como o valente herói da épica jornada rumo ao ensino superior. Se ele entende que não está sendo ajudado, é natural que exija uma postura heroica de seus oponentes. O que o estudante não percebe é que alguns de seus concorrentes, como moradores de periferias, alunos de escolas públicas com ensinamentos de má qualidade, negros e pobres, precisam dar bem mais do que ele em troca de uma vaga na universidade – muitas vezes precisam de um milagre.

O sujeito do discurso está intimamente ligado e depende do sujeito da ideologia. Ao se identificar com essas estruturas políticas e ideológicas o sujeito se torna alvo de uma ilusão na qual se percebe como origem de seu discurso, desconhecendo assim o processo ideológico. O sujeito reproduz então uma realidade pré-existente, pois não há sujeito sem haver referência imediata ao Outro.

Na Análise do Discurso Pêcheutiana, a ideologia é a relação imaginária que se estabelece entre o sujeito e as condições do sistema, e é determinada pela economia, ao mesmo tempo em que fornece a base para a continuidade das relações de produção e de classe, ao interpelar esses sujeitos (LEITE, 1994).

[...] essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 2009, p.163).

É nessa relação imaginária que o discurso anti-cotas se baseia. Ou seja, em uma produção de sentidos que visa tornar evidente e incontestável a ideia de que todos são iguais e, por isso, igualmente capazes de conseguir o que querem. Dessa forma, é necessário valorizar discursos que vão além de uma relação imaginária com a ideologia e colocam em evidência outras possibilidades de sentido sobre o modo de

organização social, principalmente no que diz respeito ao papel do estranho na luta de classes.

Esse artigo propõe uma articulação entre a teoria de Zygmunt Bauman sobre a pós-modernidade, principalmente o conceito de “estranho”, com os referenciais da Análise do Discurso Pêcheutiana. A partir dessa articulação, foi possível realizar uma análise de alguns trechos do filme “Que horas ela volta” (2015), da diretora Anna Muylaert. Esse filme apresenta uma abordagem potencialmente transformadora daquilo que Bauman chama de estranho, muito diferente do que é veiculado diariamente na maioria das mídias formadoras das opiniões dos cidadãos brasileiros.

## **1. Metodologia**

O *corpus* analisado neste artigo foi constituído a partir da seleção de cenas representativas do filme “Que horas ela volta?” (2015) da diretora brasileira Anna Muylaert. O conceito “estranho” de Zygmunt Bauman (1998) foi utilizado como guia temático para a escolha das cenas.

As cenas foram transformadas em Sequências Discursivas de Referência (SDR's), ou seja, narrativas sobre as cenas do filme elaboradas pela autora deste artigo. As SDR's foram escritas, em itálico, na sessão 2 deste artigo. Os trechos registrados entre aspas são transcrições literais de falas das personagens do filme que também compõem as SDR's. Após cada sequência, está a análise correspondente à mesma.

As SDR's foram analisadas e discutidas a partir do referencial teórico da Análise do Discurso Pêcheutiana e relacionadas com a teoria de Zygmunt Bauman sobre a pós-modernidade, principalmente o conceito de “estranho”.

## **2. Análise discursiva do *corpus***

Em “Que horas ela volta”, a empregada doméstica Val mora na casa dos patrões Bárbara e José Carlos no bairro do Morumbi, em São Paulo e, para isso, deixou sua filha Jéssica, que tem a mesma idade do filho deles, Fabinho, aos cuidados de uma amiga em sua cidade natal, no Nordeste. O nome do filme é um modo de chamar a atenção para o fato de que, para buscar seu ideal de felicidade, Val precisa realizar um deslocamento que não é apenas físico, mas sim um deslocamento em sua posição-sujeito que cobra um preço muito alto, algo que sua patroa rica não precisa

pensar em fazer. Enquanto cuida do filho de Bárbara, é sua filha que está a quilômetros de distância chorando por sua ausência. Para poder ser mãe, Val vai ser mãe de outro e acaba não podendo ser a mãe que quer ser, por muito tempo. Mas, depois de quase dez anos sem ver a filha com a qual pouco falava, Val recebe a notícia de que Jéssica está vindo morar com ela para poder prestar vestibular.

Na tentativa de ter uma vida “melhor”, Val deixa para trás o que tem de mais importante, sofre com isso por anos, mas não consegue estar junto de sua filha, nem entender muito bem por que não volta para sua terra. Ela explica a Jéssica que viveu angustiada por todos esses anos, que pensava em voltar, mas acabava não voltando. Jéssica então responde: *“Sofreu porque quis. Aparecia lá toda cheia de presente, cheia de coisa, depois me deixava feito uma idiota perguntando ‘que horas que mãeinha volta?’”*. A vida de uma pessoa que passa pelas mesmas dificuldades da personagem pode ter inúmeras questões que contribuem para sentimentos como os de Val, mas é possível pensar que o emprego estável e as oportunidades de trabalho em uma metrópole como São Paulo podem ser muito tentadoras em um sistema que exhibe padrões de vida como mercadorias, por meio de tantos canais de comunicação.

## 2.1 SDR 1

*Jéssica chega à casa e brinca que poderia dormir no quarto de hóspedes. José Carlos acha uma boa ideia e Val fica incomodada com o comportamento da filha. Bárbara fica muito irritada, mas não se opõe.*

*No dia seguinte Val acorda atrasada. Bárbara está irritada com isso, mas já de saída para o trabalho. Jéssica conta a Val que Bárbara arrumou a mesa do café na qual ela estava comendo. Val acha aquilo um absurdo e diz: “Não é Barbara não, é Dona Bárbara. E tu não pode sentar na mesa deles não”. Jéssica responde: “E cadê a outra que eu não to vendo? Vou comer em pé?”.*

*Logo em seguida Val encontra uma desculpa para que Jéssica saia do quarto de hóspedes e vá estudar na cozinha junto com ela. Edna, outra empregada da casa, pergunta a ela: “Não vai ajudar sua mãe no serviço não?”. José Carlos chega e vai pegar um refrigerante na geladeira. Val pega a lata para ele e diz, brincando: “Que que o senhor quer aqui na minha geladeira?”.*

*Alguns dias depois, Val está servindo a sobremesa para a família enquanto Jéssica estuda na cozinha. Ela pede um pouco do sorvete à Val que diz que aquele é o sorvete de Fabinho. Jéssica diz que José Carlos a havia autorizado e Val explica:*

“Quando eles oferecem alguma coisa que é deles é por educação! É porque eles têm certeza de que a gente vai dizer não!”.

### Análise da SDR 1

Nos trechos acima, a expressão “se estranhar”, muito comum no Brasil, se encaixa perfeitamente. Além de significar “não reconhecimento ou censura” essa expressão é usada quando duas ou mais pessoas/grupos entram em um conflito brando. Já no primeiro dia de Jéssica na casa dos patrões de sua mãe, ela e Bárbara começam a se estranhar. Jéssica vai se tornando cada vez mais estranha, uma vez que insiste em sair da invisibilidade desejada por Bárbara para ocupar os lugares que considera seus por direito. Para Bárbara, Jéssica é filha de Val e deve, portanto, seguir as regras que Val segue, se contentar apenas com aquilo a que Val tem acesso e, dessa forma, reforçar mais uma vez a diferença entre patrões e empregados, diferença esta tão zelada por Bárbara em sua busca por *status*, “estilo”, atenção e conforto. Nada mais estranho do que a filha da empregada desfrutando do mesmo conforto da patroa, dormindo em um quarto igualmente equipado e que não é separado dos outros cômodos. Porém, Jéssica faz questão de dizer a Val que aquelas pessoas não são seus patrões e, nessa fala, vai deixando claro que, ao contrário da mãe, não se sente menos digna que ninguém.

Val está acostumada a regras que, para ela, devem ser seguidas, mas não há um raciocínio consciente que a leve a relacionar essas regras ao modo como os patrões a veem. É a ação da *forma-sujeito do discurso*, descrita por Pêcheux. A interpretação que Val faz da situação é imediata, adquirida e ratificada nos vários anos em que ela trabalha nessa casa sem questionar seu lugar. Quando mostra o quarto de hóspedes para a filha, na presença do patrão, Val entra no aposento com cuidado, expressando até certa solenidade, como se invadisse um território sagrado. Ela alisa a almofada na poltrona, dando o toque final na decoração milimetricamente ajeitada. Quando Jéssica se senta na cama, Val imediatamente percebe a transgressão que aquilo significa; transgressão essa que só existe aos olhos do estranho, consciente da diferença, alheio ao significado da mesma. Jéssica também sabe dessa diferença, mas sabe também dar outro sentido a ela, sentido este que está vetado para sua mãe e que possibilita a ela falar de um novo lugar.

Para Val e para a outra empregada da casa, esse é um lugar que não deveria pertencer a Jéssica e, o fato dela tomá-lo com tanta convicção, chega a soar como um abuso. Para Edna, se Jéssica começasse a ajudar nas tarefas domésticas, tudo voltaria ao normal. Como no mito “O Anel de Gyges” que integra a obra “A República” de



Platão (2000), Jéssica tem a possibilidade de transitar entre a invisibilidade e a visibilidade, não pelo poder de um anel, mas sim pelo discurso. Porém, ao contrário do pastor Gyges, Jéssica é incapaz de anular as leis humanas a seu favor e, ao ocupar novos lugares discursivos, não garante que o outro/Outro se adapte a essa transformação, encontrando várias formas de resistência. Ao contrário de sua mãe, ela se apropria da casa e da oportunidade de estudar para ter um trabalho do qual goste, a partir daquilo que sente ser sua vocação. Para Val, só existe algo que ela pode reivindicar naquele espaço: o domínio fantasioso sobre a geladeira.

## 2.2 SDR 2

*Fabinho confere o gabarito do vestibular e descobre que não passou; ele abraça Val que o consola. Quando Val sai do quarto, Bárbara chega e ele rejeita seu abraço. Logo depois Val entra, eufórica, falando do resultado de Jéssica. Fabinho sutilmente se afasta quando Val o abraça para comemorar o fato de Jéssica ter passado na primeira fase. Bárbara diz: “Val, mas não fica muito feliz não, porque é só a primeira fase”. Quando Val sai do quarto, Fabinho abraça a mãe que fica repetindo que ele precisa estudar para passar. Logo depois Bárbara o deixa sozinho.*

### Análise da SDR 2

A sequência discursiva deixa claro o papel de Val dentro da casa dos patrões. Em vários momentos do filme, Fabinho é mostrado numa relação íntima e carinhosa com Val; ao olhar distraído, poderia parecer que sua relação com a empregada é bastante diferente da relação de seus pais com ela. Porém, em meio à frustração por seu desempenho insuficiente no vestibular, ele vê Val como uma estranha que comemora a vitória de alguém que ocupa, naquele momento, um lugar que para ele é seu por direito. Fabinho havia mostrado surpresa quando Jéssica lhe contou que iria prestar o vestibular para o curso de Arquitetura da FAU, avisando a ela que era extremamente concorrido, partindo do pressuposto de que ela, talvez não soubesse disso, uma vez que se considerava apta a concorrer à vaga, sem fazer nenhuma ressalva ou justificativa para tal atitude. Afinal, não fazia sentido para ele, rapaz rico, cheio de boas oportunidades, informado das dificuldades que o vestibular numa universidade pública lhe reservaria, que uma moça pobre, nordestina, filha de sua empregada, pudesse sonhar em conseguir algo que, para ele, já era difícil. Quando Jéssica é aprovada na primeira fase e ele não, sobra apenas a sensação de que alguma

coisa está errada, de injustiça, e o abraço de Val já não é bem-vindo. Fabinho, que passou boa parte de sua vida buscando carinho e consolo no colo de Val, volta então para o colo frio de sua mãe, afinal, ela está tão indignada quanto ele. O estranho, agora totalmente visível, atrapalha a ordem dominante; se torna a pedra na qual aqueles que gozam dos benefícios do capital, cheios de confiança, tropeçam.

### **2.3 SDR 3**

*Val pede demissão. Ao tentar explica o motivo à patroa, ela diz: “Acho que tô precisando ficar com minha filha, cuidar de minha filha”. Ela então pede a Jéssica que vá buscar seu neto Joaquim, já que a filha recentemente tinha contado a Val sobre a criança. Jéssica diz, empolgada: “Tu vai cuidar dele, mãe?!”.*

#### Análise da SDR 3

A partir do lugar discursivo ocupado por Jéssica, Val se apropria também de um outro lugar. Surge então como possibilidade, o desejo de Val. O desejo de gozar de um lugar, o desejo de exercer enfim a maternidade, de ser avó e de não deixar isso ser superado novamente. O desejo de sentir-se orgulhosa por algo que pertence a ela e não ao outro, de exercer uma profissão que não a mate enquanto sujeito.

Para Lacan (1993) o sujeito é diferente do sujeito do enunciado que, por sua vez, não é nada mais que o eu, essa instância composta por imagens ideais que não é ativa, mas imaginária, e repleta de falsas impressões. Val, antes estagnada em um lugar discursivo que lançava sombra sobre seu desejo, pôde emergir de outras formas, a partir da movimentação dos significantes com os quais se identificava. Antes em seu imaginário não era possível existir uma Val ansiosa por uma vida melhor, mas a presença de sua filha fez uma rachadura na formação ideológica dominante, permitindo que o sujeito Val deslizasse na cadeia simbólica e tivesse então acesso a novas formações ideológicas e, conseqüentemente, a um novo jeito de falar sobre si mesma.

### **3. Conclusão**

Há uma cena bastante emblemática no filme “Que horas ela volta?” que pode, por si só, substituir qualquer conclusão sobre a análise apresentada. Val compra um conjunto de xícaras para dar como presente de aniversário à patroa; ela mal conhece o produto, mas escolhe aquilo para Bárbara por achar que se trata de algo diferente e

moderno, assim como tudo aquilo que agrada o gosto dos patrões. Mas Val se engana e vê seu presente ser rechaçado por Bárbara. Porém, no final do filme, após pedir demissão, ela rouba o presente e o leva para sua nova casa, usando-o para tomar café com sua filha. Ao mostrar para Jéssica as xícaras ela diz: “É diferente, igual você”. Algo muda no discurso de Val e ela não reserva mais o direito àquilo que é bom e moderno apenas aos patrões. A personagem de Regina Casé rouba para si o direito de desejar, desobedecer e aparecer. É nesse momento também que Jéssica chama Val de mãe pela primeira vez no filme, marcando uma mudança na relação das duas: é podendo ser sujeito que Val pode, finalmente, ser mãe.

“Que horas ela volta?” traz um discurso corajoso, comprometido com a dignidade humana e se coloca no cenário brasileiro como oportunidade para se pensar no funcionamento da ideologia, como motor da desigualdade social, mas, em contrapartida, como lugar possível para o deslocamento e a revolução.

## Referências

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós modernidade**. (Trad. Mauro Gama *et al.*) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEIER, J. R. **O Exército Anti-Cotas e as vagas no ensino superior brasileiro**. Blog Hum Historiador, disponível em <https://umhistoriador.wordpress.com/2012/08/18/o-exercito-anti-cotas-e-as-vagas-no-ensino-superior-brasileiro/>>. Acesso em 28 de junho de 2016.

FREUD, S. **O Mal-estar na civilização**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud, v.21. Rio de Janeiro: Imago, 1980 (Original publicado em 1930).

LACAN, J. **Televisão**. (Trad. Antonio Quinet) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993 (Original publicado em 1975).

LEITE, N. **Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (Trad. Eni Orlandi *et al.*) Campinas: Editora UNICAMP, 2009 (Original publicado em 1975).

PLATÃO. **A República**. (Trad. Enrico Corvisieri) São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

Artigo recebido em: 18/07/2016

Artigo aprovado em: 04/05/2017